

OEHLER, Dolf. *O Velho Mundo desce aos infernos. Auto-análise da Modernidade após o trauma de Junho de 1848 em Paris*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

PARIS, 1848: LITERATURA E REVOLUÇÃO

*Maurício Silva**

*Mestre em Letras Clássicas e Vernáculas (USP) e Prof. de Língua Portuguesa da UNINOVE
maurisol@uol.com.br

Não são poucos os livros que procuraram, com maior ou menor empenho, retratar os primórdios da modernidade literária no continente europeu a partir da análise de seus mais representativos intelectuais e escritores. Mas, em contrapartida, poucos estudos se preocuparam, nessa árdua tarefa, com a contextualização de fatos históricos decisivos ao processo de modernidade das artes ou, num sentido mais estrito, com as relações singulares estabelecidas entre este processo e aqueles fatos.

Esse é, precisamente, o propósito de Dolf Oehler ao abordar a gênese da modernidade literária a partir da Revolução de 1848 em Paris, fato decisivo para a tomada de posições estéticas avançadas, mas, curiosamente, pouco citado nos estudos a esse respeito.

O objetivo do livro, afirma o autor, é propor a relevância histórica da Revolução de 1848 para a história

das idéias e da literatura. Para ele, em nenhuma outra época literatura e política estiveram tão ligadas como durante a Revolução de 1848, uma revolução de “essência inteiramente literária” (p. 13). Assim, entre a revolução idealista de fevereiro e a sangrenta de junho de 1848, pode-se perceber um “nexo de causalidade entre a exaltação poético-forense e o colapso revolucionário” (p. 14). Por isso, enquanto convinha apaziguar a opinião pública revoltada, a literatura era cooptada pelos conservadores a serviço do poder monárquico constituído, mas quando o perigo de desabamento político-social foi afastado, ela deixou de ser necessária, sendo imediatamente alijada do cenário político.

Tais fatos têm também um significado estético para a literatura: é a partir desse período que ela começa a modernizar-se, a afastar-se do palavrório, trabalhando a linguagem até os seus

limites. Interessa, nesse sentido, analisar de perto o contexto semântico desse período, a fim de destacar suas características mais recorrentes. Por esse motivo, pode-se dizer que o fato histórico da Revolução de 1848, recalcado e nunca trabalhado teoricamente, marca “um ponto de inflexão decisivo na história da literatura moderna” (p. 31).

Analisando, portanto, na primeira parte do livro, a semântica do período em questão, o autor destaca alguns conceitos importantes para entender o nexos apontado entre a Revolução de 1848 e a literatura como a *metáfora dos bárbaros*, utilizada por um Balzac, por um Lamartine, por um Tocqueville, por um Musset, sendo empregada para caracterizar uma espécie de “bestialização dos adversários” (p. 32). Trata-se de uma imagem bem próxima da metáfora do *inferno* – empregada por Mérimée e Baudelaire –, que serve para caracterizar a cidade de Paris ou a situação da classe operária naqueles dias turbulentos. A semântica da revolução prevê também a idéia da existência de *santos e mártires* (cada uma das partes litigantes com os seus). No lado dos conservadores, concepções como as de *socialista, anarquista, utopista* ou *comunista* são usadas sempre pejorativamente; os liberais e republicanos, por sua vez, classificam os conservadores de *sonhadores* retrógrados.

Recíproca ainda é a ofensa de *loucura*, já que a revolução de junho foi tida, por ambos os lados, como o “cúmulo da loucura e do furor” (p. 58). A idéia de *tolice* é vinculada, pelos rebeldes, à burguesia conservadora, num contexto marcado pelo *ódio* e pelo *pessimismo*. Como consequência desses conceitos, surgiriam outros ligados ao embate, real ou ideológico, como os de *exterminio, aniquilação* ou *erradicação*, já que “um fanatismo exterminador persegue os espíritos, seja como vontade ativa de extermínio, seja como sentimento de uma ameaça radical vinda do adversário político ou do representante da outra classe” (p. 90). Num contexto tão carregado como esse, literatura produzida em torno da Revolução de 1848 só poderia criar uma atmosfera *apocalíptica*, que marcaria – consoante a leitura que se fizesse do evento histórico – a *morte* ou o *renascimento* de *Paris*, um tópico literário trabalhado por autores como Victor Hugo, Sainte-Beuve, George Sand, Balzac e outros. Finalmente, com uma participação feminina ativa durante o processo revolucionário, é evidente que não podia deixar de aparecer nesse universo semântico da Revolução a figura da *mulher*, ligada indelevelmente à *questão feminina*.

São esses e outros conceitos trabalhados pelo autor, alguns deles

aqui não explorados (*França, Europa, perdão, recalque* etc.), que tornaram a Revolução de 1848 não apenas a grande data do movimento socialista europeu, mas também “um ponto de inflexão na estética da modernidade” (p. 135).

Na segunda parte do livro, o autor propõe analisar de modo mais acurado, sempre tendo como referência a Revolução de 1848, alguns autores e intelectuais emblemáticos do período, como Hippolyte Castille, Alphonse Toussenel, Alexander Herzen, Heinrich Heine, Charles Baudelaire e Gustave Flaubert.

Articulando, assim, acontecimentos reais e ideologias diversas, semântica e obras literárias do período, como também intelectuais de diferentes matizes, Dolf Oehler procura dar ao seu excelente ensaio uma homogeneidade que só pode mesmo ser erigida sob os auspícios de um fato histórico tão marcante e, para espanto de muitos, tão literário como a Revolução de 1848. A leitura de seu livro, mais do que um passatempo sem compromisso, torna-se uma necessidade para todos os que quiserem penetrar nesse conturbado universo da modernidade literária ocidental.